

O que é o Celibato?

Em que consiste o celibato?
Qual é a sua origem histórica?
Quem vive o celibato apostólico
no Opus Dei e por quê?

25/04/2019

Sumário

1. Breve panorama histórico
2. Celibato, amor e missão
3. O celibato apostólico no Opus Dei

Você pode estar interessado em:
Jesus foi solteiro, casado ou viúvo? *

Solteiros e casados; Numerários,
adscritos, supernumerários do Opus
Dei * O que é a vocação? Todo mundo
tem uma vocação?? * Sacerdotes e
leigos no Opus Dei

*Vocábulo “Celibato” do Dicionário de
São Josemaria Escrivá de Balaguer,
que aborda a figura e a pregação do
fundador do Opus Dei com duas
perspectivas: uma biográfico-histórica
e outra teológico-espiritual, para
facilitar o conhecimento da sua
personalidade e da sua mensagem.*

A palavra “celibato” designa a
condição do celibatário, isto é, da
pessoa que não se casou. Essa
definição linguisticamente negativa,
permite intuir que se aplica a
situações muito diversas.

O celibato é a condição das pessoas
que não se casaram, porém pensam

fazê-lo e colocam os meios para consegui-lo através do trato com pessoas do outro sexo, etc. Também é a de quem, pelo menos no princípio, pensaram em se casar, porém por diversas circunstâncias (dedicação absorvente a algumas tarefas, necessidade de atender membros da própria família, etc.), de fato não o fizeram. E, finalmente, a de quem, consciente e voluntariamente assume – por uma razão ou outra, geralmente relacionada com a prática da religião – uma opção e um compromisso celibatários. Este é o caso do celibato de que nos ocupamos aqui. Mais concretamente do celibato que, partindo dos textos neotestamentários, se viveu e se vive na tradição cristã, e do qual se ocupa o presente vocábulo para expor o ensinamento de São Josemaria Escrivá a esse respeito.

São Josemaria prega e escreve sobre a vocação ao celibato pelo reino dos

céus (é a expressão que emprega o Evangelho), como pastor: mais do que propor uma teoria do celibato, vive e ensina a vivê-lo. E faz isso também como fundador e, portanto, dirigindo-se aos fiéis do Opus Dei, cristãos comuns que vivem e se santificam no meio do mundo, embora, como é lógico, bastantes das suas orientações tenham um alcance mais amplo. Antes de expor esse ensinamento será útil oferecer uma panorâmica histórica que ajude a enquadrá-lo.

1. Breve panorama histórico sobre o celibato

Os textos neotestamentários que mencionam o celibato, e nos quais é aconselhado, são fundamentalmente dois. A passagem do Evangelho segundo são Mateus em que Jesus Cristo louva os que decidiram não se casar “pelo Reino dos céus”, *propter Regnum coelorum* (Mt 19, 12). E o

texto da Primeira Carta aos Coríntios em que são Paulo fala do celibato e do matrimônio como dons ou vocações divinas, destacando ao mesmo tempo a excelência do primeiro (1 *Cor* 7, 3-7, 25-35).

Já desde a época apostólica houve cristão, homens e mulheres, que acolheram esse convite e assumiram o compromisso do celibato; os primeiros costumavam ser designados como ascetas ou continentes; as segundas como virgens. Entre estas últimas – mais numerosas – chegou-se em bastantes casos a uma configuração de tipo consagratório dando origem inclusive a um rito litúrgico. Não faltaram, no entanto mulheres que continuaram assumindo o celibato sem mudar a sua condição canônica, ou eclesial.

Com a aparição e difusão do monacato a princípios do século IV,

ascetas e virgens, tanto as consagradas como as não consagradas, foram integrando-se nas diversas comunidades monásticas que foram se formando. A realidade – e inclusive a ideia – de um compromisso de celibato assumido por cristãos comuns que continuavam vivendo no meio do mundo desapareceu.

Salvo casos excepcionais, somente houve na Igreja, durante bastantes séculos, duas figuras de celibato: o celibato sacerdotal e o celibato monástico ou, em termos mais genéricos, religioso ou consagrado.

A situação muda na primeira metade do século XX, quando se produz um movimento geral de volta às fontes e, portanto à condição dos primeiros cristãos, também no que diz respeito a um celibato assumido por pessoas que mantinham a sua vocação laical e, portanto, no meio do mundo e

para a santificação do mundo. É este o caso do celibato que vivem alguns membros do Opus Dei e que são Josemaria teve presente na sua pregação.

2. Celibato, amor e missão

As palavras *propter Regnum coelorum* com as que, seguindo o falar de Cristo, costuma definir-se o celibato cristão, evocam o amplo e rico significado que na Sagrada Escritura tem a expressão “reino dos céus”: o senhorio que em consonância com a sua condição de Criador corresponde a Deus sobre a totalidade do universo; a ação poderosa, amorosa e salvadora com a qual Deus escolhe Israel e o dirige ao longo da história preparando a vinda do Messias; Cristo que com a sua morte e ressurreição consuma o desígnio de salvação, de modo que o Reino se torna presente nEle e, dEle, se estende a toda a humanidade e à

criação inteira tal e como será renovada no fim dos tempos.

Assumir o compromisso de celibato respondendo ao chamado divino – é Deus, em efeito, quem concede esse dom – implica, portanto, ficar totalmente na esfera da ação da graça, participando no amor e na missão de Cristo. Na sua pregação são Josemaria sempre insistiu no amor, no amor que Deus tem por nós, e que nos manifestou em Cristo, e no amor com o qual o homem deve corresponder. “Saber que me amas tanto, meu Deus, e. não enlouqueci!” (*Caminho* 425); “Jesus, que eu seja o último em tudo... e o primeiro no Amor” (*Caminho*, 430); “Qual é o segredo da perseverança? O Amor. – Enamora-te e não O deixarás” (*Caminho*, 999).

As passagens mencionadas – às que poderiam acrescentar-se muitas outras – referem-se à totalidade dos

cristãos, seja qual for o seu estado e condição. Têm, pois aplicação – e muito especial – àqueles que são chamados ao celibato. Os que seguem esse caminho vocacional não são pessoas “que não compreendem ou não apreciam o amor; pelo contrário, a explicação de suas vidas está na realidade desse Amor divino – gosto de escrevê-lo com maiúscula – que é a própria essência de toda a vocação cristã” (*Entrevistas*, 92).

Quem é chamado por Deus ao celibato é uma pessoa que sabe amar, e, porque sabe, é capaz, com a ajuda da graça divina, de lançar-se por um caminho no qual o amor a Deus deverá preencher todas as camadas da sua personalidade.

Esta profunda compreensão da relação entre amor e celibato reflete de resto a sua própria experiência, já que – como ele próprio contou – orientou-se para o sacerdócio quando, na idade de dezesseis ou

dezessete anos, “comecei a vislumbrar o Amor, a perceber que o coração me pedia algo de grande e que fosse amor” (Meditação, 19/03/1975).

Na resposta à entrevista da qual acabamos de reproduzir umas palavras, são Josemaria acrescenta uma segunda razão que fundamenta o celibato, destacando a sua importância para a vida da Igreja. Trata-se de uma passagem na qual, depois de lembrar que na Igreja, bispos e sacerdotes estão chamados ao celibato diz: “os não casados têm, de fato, maior liberdade de coração e de movimentos para se dedicarem estavelmente a dirigir e a manter empreendimentos apostólicos, mesmo no apostolado dos leigos” (*Entrevistas*, 92). Esta razão pode parecer de menor peso, e inclusive meramente funcional e pragmática, mas somente se for separada do seu contexto, já que na realidade o que

ela faz é lembrar que o chamado ao celibato é, ao mesmo tempo, chamado a participar na missão de Cristo.

O celibato cristão é escolhido e vivido no amor, Mas, amor a quem? A Deus e aos irmãos, a quem a missão chama a servir. “O amor de Deus e o apostolado, como motivo do celibato, não só são inseparáveis, mas intrínsecos um com o outro. A razão de ser do celibato é o amor a Jesus Cristo; e este amor ao Senhor necessariamente traz consigo a participação na sua missão” (Burkhart – López, I, 2010, p. 221).

A inseparabilidade dos dois motivos do celibato cristão destaca o valor e a grandeza desta condição de vida que implica ter Deus e a sua Igreja como horizonte radical e pleno. Daí as constantes declarações da Tradição e do Magistério neste sentido. Desde a época patrística, na qual os escritos

sobre a virgindade e o celibato são numerosos, (cfr. Concílio de Trento, sessão XXIV, Canôn 10: DS, 1810) e o Concílio Vaticano II (cfr. LG, 41; PO, 16, etc.), sem mencionar as múltiplas referências nos documentos, alocuções, etc., dos pontífices recentes.

Observemos também que a inseparabilidade entre esses dois motivos tem como resultado toda a vida celibatária. A pessoa célibe que se abre ao dom de Deus recebe o impulso de “entregar o corpo e a alma ao Senhor, oferecer-Lhe o coração indiviso, sem a mediação do amor terreno” (*Entrevistas*, 122). Esse impulso, esse amor, sustentará toda a sua vida e será o motivo da perseverança: a caridade autêntica gera uma forte ternura por Cristo, que leva a orientar totalmente, e cada vez mais profundamente os afetos do coração (cfr. *Caminho*, 164). E por sua vez fará com que esse

coração, delicadamente dirigido para Deus, se abra cada vez mais sincera e autenticamente ao amor aos homens.

Por isso são Josemaria gostava de unir ao substantivo “celibato” o adjetivo “apostólico”, sublinhando a unidade entre os dois motivos que o celibato cristão implica.

Lutar para viver a castidade, a pureza de coração e dos afetos, é condição indispensável para crescer no amor a Deus e na entrega e serviço aos irmãos. “A pureza fortalece, viriliza o caráter” (*Caminho*, 144), “atua na vida cristã como o sal que preserva da corrupção, e que constitui a pedra de toque para a alma apostólica” (*Amigos de Deus*, 175), para a abertura à transmissão do dom da vida, também da vida espiritual. O cristão fiel ao seu compromisso de celibato pode assim receber uma fecundidade com a que participa da

paternidade divina: Deus dá “cem por um; e isso é verdade, mesmo nos filhos. – Muitos se privam deles pela glória de Deus, e têm milhares de filhos do seu espírito. – Filhos, como nós o somos do nosso Pai que está nos céus” (*Caminho*, 779).

Por isto, são Josemaria sempre se opôs a toda tentativa de apresentar a opção pelo celibato como consequência da falta de energia ou da incapacidade para a vida afetiva. O cristão, todo cristão, deve ter coração e, com esse único coração, amar a Deus e aos homens: “Nós, os cristãos, estamos enamorados do Amor: o Senhor não nos quer secos, rígidos, como uma matéria inerte. Ele nos quer impregnados do seu carinho! Aquele que por Deus renuncia a um amor humano não é um solteirão, como essas pessoas que andam tristes, infelizes e de asa caída, porque desprezaram a

generosidade de amar limpamente” (*Amigos de Deus*, 183).

Esta realidade se aplica ao celibato cristão. Ao celibato próprio da vida consagrada, à qual são Josemaria sempre manifestou grande apreço, embora fosse um caminho muito distinto de aquele ao qual Deus o tinha chamado. Ao celibato sacerdotal, que ele próprio vivia e do qual sempre sublinhou a riqueza espiritual e humana: “Mentem – ou estão enganados – os que afirmam que nós, os sacerdotes, estamos sós: estamos mais acompanhados do que ninguém, porque contamos com a contínua companhia do Senhor, com quem temos de manter um trato ininterrupto” (*Forja*, 38). E também se aplica ao celibato de quem, acolhendo o chamado divino, decide permanecer solteiro no meio do mundo, precisamente para santificar a partir de dentro o mundo em que vive; isto é, ao celibato apostólico,

por usar a expressão a que recorreu com frequência, às vezes dando-lhe um significado genérico, porém, em outros muitos momentos, reservando-a para o celibato vivido no meio do mundo e sendo do mundo, ao qual faremos referência no seguinte apartado.

Acrescentemos agora que a decidida afirmação da centralidade do amor na vida celibatária não leva são Josemaria a esquecer que o amor é essencial para todas as vocações na Igreja. Aqui se manifesta o sentido de comunhão no seio da Igreja, que é – junto do amor – uma das chaves fundamentais da sua pregação sobre o celibato e em geral sobre a diversidade de vocações ou condições cristãs. Nas suas obras, aparecem frequentes passagens em que recorre ao procedimento de enumerar diferentes estados ou condições – celibatários, casados, viúvos, sacerdotes, homens,

mulheres, jovens, idosos, etc. – precisamente para sublinhar que todos estão igualmente chamados à santidade e ao amor divino “que é a essência própria de toda vocação cristã” (*Entrevistas*, 92): “Cada um no seu lugar, com a vocação que Deus lhe infundiu na alma – solteiro, casado, viúvo, sacerdote –, deve esforçar-se por viver delicadamente a castidade, que é virtude para todos e de todos exige luta, delicadeza, primor, rijeza, essa finura que só entendemos quando nos colocamos junto do Coração enamorado de Cristo na Cruz” (*Amigos de Deus*, 184; cfr. *É Cristo que passa*, 25).

Por isso são Josemaria reitera e a faz sua a constante pregação cristã a respeito “da excelência e o valor do celibato” (*Entrevistas...*, 45; cfr. *Entrevistas...*, 92, 12; *Amigos de Deus*, 184). Ao mesmo tempo proclama que o casamento, não é uma simples instituição social, nem a condição em

que são deixados os cristãos que não recebem o chamado ao celibato, senão uma vocação cristã no sentido forte e pleno da expressão: “Há quase quarenta anos – afirmava em 1968 – venho pregando o sentido vocacional do matrimônio. Que olhos cheios de luz vi mais de uma vez quando – julgando eles e elas incompatíveis em sua vida e entrega a Deus e um amor humano nobre e limpo —, me ouviam dizer que o matrimônio é um caminho divino na terra!” (*Entrevistas*, 91).

3. O celibato apostólico no Opus Dei

Desde o começo, desde o dia 2 de outubro de 1928, a mensagem do Opus Dei dirige-se a todo tipo de pessoas, de qualquer profissão ou ofício, solteiros ou casados.

São Josemaria viu logo que no Opus Dei deveria haver “pessoas [...] que, para assegurar a continuidade das

tarefas apostólicas, se comprometam a viver no celibato, e às quais, entre outras coisas, pela sua maior disponibilidade de fato, sejam reservadas determinadas funções de direção ou de formação” (*El itinerario jurídico del Opus Dei*, pp. 43-44). Também compreendeu que nos primeiros anos do Opus Dei deveria começar incorporando à Obra os que se comprometiam ao celibato: dessa forma se daria solidez ao Opus Dei, e preparariam o terreno para que, quando chegasse o momento oportuno, pudessem abrir as portas a todos os tipos de pessoas. “Em consequência orientou assim seu o seu trabalho fundacional, convidando a se comprometer em celibato apostólico – segundo a expressão de que gostava empregar – aqueles que via que podiam ter esta vocação, ao mesmo tempo que pregava com força e clareza o valor cristão do matrimônio. Como fruto deste trabalho apostólico foi

desenvolvendo-se o Opus Dei, em que, desde o princípio, se afirma a possibilidade de que façam parte dele tanto pessoas solteiras como casadas, ainda que o modo de pertencer de uns e de outros receba configurações diversas, de acordo com o que permitia o direito canônico da época, até chegar ao completo reconhecimento de que umas e outras podiam ser membros do Opus Dei de pleno direito” (Ocáriz, *“A vocação ao Opus Dei como vocação na Igreja”*, em *O Opus Dei na Igreja*, p. 179-180).

Paralelamente também advertiu desde o início, que o ambiente ao qual fizemos referência, isto é, a tendência a unir o celibato somente à condição sacerdotal e à vida religiosa, reclamava mostrar a natureza do compromisso de celibato que promovia. Mais concretamente, a necessidade de sublinhar que esse compromisso de celibato “não

implica a menor referência a atitudes de consagração ou de renúncia às atividades seculares. Pelo contrário: situa-se em um contexto de plena e radical afirmação do valor do secular” (Illanes, *“Igreja no mundo: a secularidade dos membros do Opus Dei”*, em *O Opus Dei na Igreja*, p. 290).

Supõe o reconhecimento do pleno valor cristão das realidades seculares e a consciência de que o cristão corrente deve santificar-se em e através delas. E surge, portanto, no seio dessa consciência, e ao seu serviço, correspondendo ao convite divino de santificar-se em e através da vida ordinária, não somente com plenitude de entrega, mas também com a disponibilidade, também de fato ou material que o celibato implica, à difusão, com a palavra e com o exemplo, do chamado

universal à santidade e ao apostolado no meio do mundo.

O celibato no Opus Dei é secular e laical, porque é assumido para a santificação pessoal no meio do mundo e a serviço de uma missão que faz referência a essa santificação.

Nessa mesma linha de explicar os traços e o significado do compromisso de celibato no Opus Dei, se situa o uso (já documentado no início dos anos 30 – cfr. Casas Rabasa, 2009, pp. 371-411 – embora possa ser anterior) da expressão “celibato apostólico”, entendida não somente em sentido genérico – todo celibato cristão implica, como já foi dito antes, referência à missão –, mas específico. O celibato dos membros do Opus Dei não tem somente uma dimensão apostólica, mas essa dimensão o qualifica e condiciona: a sua razão de ser reside na orientação

da existência à luz de um chamado divino que leva a mostrar com a totalidade da própria vida que todas as situações humanas seculares são fonte e ocasião de santidade.

Para explicar a realidade do espírito e da vida do Opus Dei, são Josemaria recorreu com alguma frequência ao exemplo dos primeiros cristãos. “o modo mais fácil de entender o Opus Dei é pensar na vida dos primeiros cristãos. Eles viviam profundamente a sua vocação cristã; procuravam seriamente a perfeição a que estavam chamados pelo fato, simples e sublime, do Batismo. Não se distinguiram exteriormente dos demais cidadãos. Os sócios do Opus Dei são pessoas comuns; desenvolvem um trabalho corrente; vivem no meio do mundo de acordo com o que são: cidadãos cristãos que querem corresponder cabalmente às exigências da sua fé” (*Entrevistas...*, 24). Reiterou essa comparação –

realizada em uma entrevista, na qual falava em termos gerais – em diversos momentos a respeito do celibato, fazendo alusão a “aqueles ascetas e aquelas virgens, que dedicavam pessoalmente a sua vida a serviço da Igreja – não se encerravam em um convento: ficavam no meio da rua, entre os seus iguais” (Instrucción, 8-XII- 1941, n. 81: AGP, serie A.3, 90-1-2).

Como dissemos antes, desde 1928 são Josemaria percebeu que o espírito do Opus Dei se dirigia a pessoas de todos os estratos. A decisão de iniciar o seu apostolado promovendo a incorporação à Obra com o compromisso de celibato, trazia consigo desde o começo, a intenção de ir preparando o momento em que pessoas casadas pudessem formar parte do Opus Dei. Esse momento chegou nos anos 1948 e 1949, pouco depois de que o Opus Dei recebesse, no dia 24 de fevereiro de 1947, a

primeira aprovação pontifícia: dois documentos da Santa Sé, e a posterior aprovação definitiva, outorgada no dia 16 de junho de 1950, tornaram isso possível.

Nos anos seguintes o Opus Dei desenvolveu-se amplamente, de forma que em 1967 seu fundador podia pronunciar as seguintes palavras: “Os que seguiram a Jesus Cristo comigo, pobre pecador, são: uma pequena percentagem de sacerdotes, que anteriormente exerciam uma profissão ou um ofício laical; um grande número de sacerdotes seculares de muitas dioceses do mundo – que assim confirmaram sua obediência aos respectivos Bispos e seu amor à diocese e a eficácia de seu trabalho diocesano —, sempre com os braços abertos em cruz para todas as almas lhes caberem no coração, e que estão como eu no meio da rua, no mundo, e o amam; e a grande multidão

formada por homens e por mulheres – de diversas nações, de diversas línguas, de diversas raças – que vivem de seu trabalho profissional, casados a maior parte deles, solteiros muitos outros, e que, ao lado de seus concidadãos, tomam parte na grave tarefa de tornar mais humana e mais justa a sociedade temporal: na nobre lide dos afãs diários, com responsabilidade pessoal – repito —, experimentando com os outros homens, lado a lado, êxitos e malogros, tratando de cumprir seus deveres e de exercer seus direitos sociais e cívicos” (*Entrevistas...*, 119).

Na atualidade poderia empregar-se uma linguagem parecida, indicando que o número dos fiéis da Obra aumentou até atingir os 89.000 [Atualmente formam parte da prelazia por volta de 92.900 pessoas, das quais uns 2.095 são sacerdotes, segundo o Anuário Pontifício de

2018], a maioria deles unidos em matrimônio.

Convém acrescentar que no Opus Dei não somente existem apenas celibatários e casados, mas estas duas situações são complementares em termos de configuração do Opus Dei. Isto é, contribuem para manifestar e realizar a missão própria da Prelazia: difundir a consciência da possibilidade de santificar todas as realidades terrenas e fazê-lo a partir de dentro delas mesmas, esforçando-se para santificar cada uma a condição a que Deus o chamou e na qual, através das circunstâncias históricas, é colocado. Por isso é conatural ao Opus Dei ser integrado por pessoas de várias raças e países, homens e mulheres, solteiros e casados, jovens e idosos, profissionais dedicados às mais diversas tarefas e ofícios.

E tudo isto tendo em conta uma afirmação decisiva que são Josemaria reiterou inúmeras vezes: a unidade de vocação; o fato de que no Opus Dei não existem categorias ou graus de membros, porque em todos os fiéis do Opus Dei, seja qual for a sua posição social, existe a mesma realidade espiritual – o chamado a santificar cada um o seu próprio estado ou condição – e todos têm plena responsabilidade de contribuir para a missão própria da Prelazia.

“Na Obra – afirma são Josemaria – não há graus ou categorias de sócios. O que existe é uma multiplicidade de situações pessoais – a situação que cada um tem no mundo – a que se acomoda a mesma e única vocação específica e divina: o chamado para que se entreguem, para que se empenhem pessoalmente, no cumprimento da vontade de Deus que lhe é manifestada”
(*Entrevistas... , 62*).

Dito com outras palavras: a grande variedade de fiéis cristãos que formam parte do Opus Dei, “reflexo da que existe no inteiro Povo de Deus, leva consigo uma diversidade de *modos* de ser membros do Opus Dei; modos, todavia, que não são *graus* de maior ou menor pertença à Obra, nem comportam diversidade de vocação peculiar” (Ocáriz, “*A vocação ao Opus Dei como vocação na Igreja*”, em *O Opus Dei na Igreja*, p. 175). Daí que seria errado considerar os fiéis casados da Prelazia como uma aproximação à categoria de membro do Opus Dei, da qual os celibatários representariam a perfeição; como, com outra perspectiva, considerar o casamento como um elemento definidor da secularidade. Todos, solteiros e casados, são igualmente membros do Opus Dei e todos são plenamente seculares.

Podemos dizer por isso, que o modo de pensar e de se exprimir de são Josemaria “obedeceu em todo momento a uma proposição equivalente ao que hoje costumamos designar como ‘eclesiologia de comunhão’: falou sempre, com efeito, de uma multiplicidade de situações, funções e tarefas, todas dotadas de dignidade intrínseca, que, precisamente na sua diversidade, se completam contribuindo à perfeição, e para a eficácia apostólica, do conjunto” (Illanes, *“Igreja no mundo: a secularidade dos membros do Opus Dei”*, em *O Opus Dei na Igreja*, p. 289).

Resumindo, “o chamamento universal à santidade e ao apostolado, com tudo o que implica – o reconhecimento da abertura a uma mesma plenitude de vida cristã em e desde todas as situações e condições humanas –, encontra-se recolhida inclusive na configuração estrutural

do Opus Dei, tornando possível que a Prelazia cumpra eficazmente a missão de proclamá-la e difundi-la desde o interior das mais diversas realidades temporais” (ibidem).

Laurent Touze

Bibliografia

Ernst Burkhardt – Javier López, Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría. Estudio de teología espiritual, I, Madrid, Rialp, 2010;
Santiago Casas Rabasa, “Las relaciones escritas de San Josemaría sobre sus visitas a Francisco Morán (1934-1938)”, SetD, 3 (2009), pp. 371-411; José Luis Gutiérrez, “El laico y el celibato apostólico”, Ius Canonicum, 26 (1986), pp. 209-240; José Luis Illanes, “Iglesia en el mundo: la secularidad de los miembros del Opus Dei”, en OIG, pp. 289-295; Id., La santificación del trabajo. El trabajo en la historia de la espiritualidad, Madrid, Palabra, 2001

rev. y act.; Mauro Leonardi, Come Gesù. L'amicizia e il dono del celibato apostolico, Milano, Ares, 2011; Fernando Ocariz, "La vocación al Opus Dei como vocación en la Iglesia", en OIG, pp. 179-188; Álvaro del Portillo, "Celibato", en GER, V, cols. 450-454 (recogido en Álvaro del Portillo, *Rendere amabile la verità. Raccolta di scritti di Mons. Alvaro del Portillo, pastorali, teologici, canonistici, vari*, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1995, pp. 311-321).

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
dev.opusdei.org/pt-br/article/celibato-
apostolico-opusdei/](https://dev.opusdei.org/pt-br/article/celibato-apostolico-opusdei/) (05/08/2025)